

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ENTREVISTA COM RIVADÁVIA WOLLSTEIN

Entrevista concedida ao Projeto "Universidade
Regional de Blumenau e sua História", em
09/12/97.

Entrevistadores: Balbino Simor Rocha
Clarice Ehmke
Richard Huewes
Viegas Fernandes da Costa

BLUMENAU
1997

R.W.: Rivadavia Wollstein

B.S.R.: Balbino Simor Rocha

C.E.: Clarice Ehmke

R.H.: Richard Huewes

V.F.C.: Viegas Fernandes da Costa.

B.S.R.: - Eu andei vasculhando quem era o Professor Rivadavia Wollstein. Como eu não sou daqui, eu não o conhecia. Então, comecei a vasculhar.

R.W.: - Aí é bom porque fica mais isento (Risos).

B.S.R.: - Não, falaram tão bem do senhor que ...

R.W.: - Não, mas pode se falar bem, pode se falar mal também!

B.S.R.: - Não ... não ... não, imagina! Mas enfim, o que eu acho muito importante nós não ... a idéia é não fazermos uma história tradicional, essa coisa de mil isso, mil aquilo, mil aquele outro. Não. Trabalhar exatamente essa coisa do global. ou seja, como foi pensado a Universidade, e aí todos os reitores, todas as pessoas que se envolveram na construção dela, que pensaram nela de uma forma ou de outra, vão poder participar. E num terceiro capítulo como é ...

R.W.: - Só um pouquinho! Nesta fase de pensar a Universidade, existe um pequeno livro editado, que é da professora Sueli Petry e do Luis Antônio Soares que, eu acho, que reflete com muita fidelidade aquilo que foi gerando a FURB aos poucos. Partindo dos estudantes, partindo dos professores, partindo da comunidade, às vezes contra, às vezes a favor, dependendo daquilo que doía ou não doía. Mas, eu acho que é um livro que, reflete um modo de se organizar a ... não a Universidade, mas o pensamento universitário no interior de Santa Catarina.

B.S.R.: - Hum hum...

R.W.: - Acho que é isso.

B.S.R.: - Eu fico com essa preocupação, porque o Professor Mércio, em princípio, propôs que a gente fizesse uma história mais linear, datada.

R.W.: - Na base da cronologia.

B.S.R.: - Aí eu pensei, fui e voltei. Ele me mostrou alguns exemplares que ele tinha trazido das viagens pelas universidades do mundo. Eu olhei e disse: "Olha professor, vamos fazer uma coisa mais interessante para a Universidade, vamos pensar numa coisa mais positiva até para os alunos se tornarem pesquisadores, enfim, criar um espaço maior para essa questão." E aí a proposta de se criar uma coleção chamada "Coleção Furbiana" que traria toda a História da FURB e o envolvimento dela com a comunidade. A partir daí, tínhamos o primeiro volume e mais uma parte que seria da Professora Sueli e do Professor Colombi, que escreveriam sobre o que seriam as imagens do semestre da FURB com textos referindo-se a elas e os fatos mais representativos de cada semestre.

R.W.: - Semestre por semestre?

B.S.R.: - Semestre por semestre!

R.W.: - A partir de 1964?

B.S.R.: - Exatamente. E aí sim, cronologicamente, porque são os fatos mais marcantes para a vida do campus.

R.W.: - A cronologia, totalmente, não pode ficar de fora! Porque senão a gente não se situa.

B.S.R.: - Não, não, não! Tem que ficar, claro

R.W.: - Eu não quero ensinar professores de história, mas ...

B.S.R.: - Não, não! Não, o que nós, temos feito na história, hoje, professor.

Não sei se o professor entendeu qual é a nossa preocupação, é a de resgatar o espaço, ou seja, as coisas acontecem num tempo, num tempo que tem o seu espaço, se não for assim elas também não se realizam. Criou-se a FURB em "1930". Sim, mas onde? Como era esse lugar? Quem eram

essas pessoas? Como é que elas viviam? Como é que se relacionavam? O que elas escreviam? Como elas davam suas aulas? Como eram os alunos? Então, se nós trabalhássemos num processo só linear da História nós deixaríamos todas essas questões de fora.

R.W.: - É, essa parte interpretativa da sociedade ia ficar de fora.

B.S.R.: - Com certeza, porque é importante se fazer, afinal, a História da FURB, não como uma coisa feia, não como uma coisa para se esconder e sim, uma História para ser mostrada.

R.W.: - Acho que nisso está uma das grandes bondades da FURB, porque, veja, bastou que a FURB começasse a existir em 1964 que, imediatamente as outras entidades, as fundações que foram se criando ao longo do tempo em Santa Catarina começaram a verificar “como vocês fizeram isso?” Então, me lembro muito bem, o Professor Diderot pode atestar essa parte da História que, em julho de 1964, nós fomos convidados para ir a Tubarão tentar instalar alguma coisa de ensino universitário, lá. Porém, não chegamos lá porque eu ainda não estava acostumado a dirigir e bati no caminho. A bordo estavam o Professor Diderot e mais dois alunos. o exemplo começara logo a frutificar. Ninguém! Olha, ninguém sabia fazer universidade em Santa Catarina. Olha, nós não sabíamos nem que, uma vez que o Conselho Estadual de Educação autorizando o vestibular, ele, com este ato, estava ao mesmo tempo autorizando o funcionamento do Curso de Economia. Isso a gente não sabia, porque não se conhecia! Portanto, muitas coisas foram feitas a partir da própria experiência, aliás, eu acho que, esse é um processo que funciona, não adianta fazer muitos regulamentos, regimentos enfim, colocar muita coisa no papel para valer, depois se a gente não viveu uma parte disso. O ideal ao meu ver, não quero ser absoluto nisso não. O ideal ao meu ver é começar da experiência, parar um pouco para respirar e depois de um pequeno período em que as vivências começaram a ser mais sentidas, depois de um pequeno período de experimentação, aí então, estabelecer regras, regimentos, estatutos, enfim, isso tudo a partir de um começo de experiência já vivida. Acho que é assim que funciona dentro

da minha concepção e acredito que tenha sido assim durante todo tempo. Foi por exemplo assim que, nasceu a Assessoria de Planejamento da FURB em que eu fui o primeiro assessor, tínhamos dois membros só, era o professor Arnaldo Rosa de Andrade e eu que, agora está acabando o doutoramento em Barcelona, aliás ele deve estar voltando hoje da Espanha, dia 9 de dezembro, segundo me comunicou em maio. Trata-se de uma pessoa super organizada. Ele deve fazer isso se for realmente considerado aquilo para o que ele foi para Espanha, ele deve ser parte do Planejamento Estratégico da FURB. É para isso que ele está estudando, está se doutorando nisso.

B.S.R.: - Eu sou colega do professor Arnaldo. Eu não sou do Departamento de História, sou do Departamento de Administração.

R.W.: - De Administração? Então já o conheceu?

B.S.R.: - Professor, voltando. Onde o senhor nasceu?

R.W.: - Em 27 de novembro de 1931, em Blumenau, Santa Catarina. Estudei aqui, fiz o primário no Colégio Sagrada Família, estudei Admissão no Colégio Santo Antônio, famoso quinto ano. Podia ser feito, podia não ser feito, podia passar, eu passei por cima da quarta série. Não fiz a quarta série. Não precisava. Não tinha muito dessa parte, podia sair, podia pular o quarto, passar para o quinto, se desse conta podia passar de primeiro para terceiro, se desse conta depois, claro, do contrário fazia o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto. Terminei o meu curso científico em 1949, também no Colégio Santo Antônio. No tempo em que o Santo Antônio era um dos estabelecimentos tradicionais e modelares aqui no estado de Santa Catarina. Não digo que não seja hoje, hoje já está um pouco mais, vamos dizer, a liderança um pouco mais questionada. Não sei se naquela época era Colégio Catarinense e Santo Antônio aqui na parte mais do norte do estado. Depois disso, fui tentar o vestibular para Engenharia na PUC do Rio de Janeiro, não passei, mas passei para o Curso de Matemática. Aí eu digo: “ Bom, uma vez que, com as minhas dificuldades de movimentação que, não eram muito sensíveis naquela época,

existiam, mas, eram muito menos que se fosse hoje. Talvez não seja uma boa, andar em andaimes por aí, mas em sala de aula dá para se agüentar, é melhor". Depois de três meses de curso eu achei que não valia mais a pena, larguei a idéia de fazê-lo inteiro. Particpei muito da vida estudantil da PUC do Rio. Conheci aquela famosa série da UNE na praia do Flamengo, freqüentava à noite, muitas vezes. E terminei o bacharelado em 1955 e a licenciatura em 1957, também, na PUC do Rio de Janeiro. Estou no final de 56, o que fazer? Professor, eu era bacharel e licenciado, comecei a procurar lugar para ensinar, recebi algumas ofertas, algumas e outras sugestões muito interessantes, muito importantes de estabelecimentos do Rio de Janeiro. Inclusive o nosso Colégio Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, os Franciscanos aqui, onde o Frei Leovigildo - diretor desse colégio - me disse; " - o senhor é novo, não comece no científico não, tem que começar de baixo, o pessoal do científico irá comer as suas energias". Então, fui lecionar em Bom Sucesso, no subúrbio Carioca, fiquei quatro anos lá. O Ginásio Aliomar Pereira, ginásio na parte diurna e escola técnica na parte noturna. Fiz uma espécie de ligação entre as duas coisas, lecionava de manhã e de tarde. Quando comecei a lecionar lá no colégio que, foi em 1958 no ano de 57. Tenho uma trajetória bastante interessante. O registro de diploma era complicado lá, porque a burocracia era severa, então não consegui obter o registro logo. O professor sem registro podia atuar como professor substituto, mas não como titular. Então, o que eu fiz? Em 1957, comecei a me infiltrar na História, na História com "H", fui ao mosteiro de São Bento no Rio e falei com o monge recepcionista: "Escuta Godofredo, não dá para freqüentar a biblioteca para eu tentar fazer uma pesquisa sobre História Eclesiástica naquela época?" E foi o que eu fiz durante todo ano. Comecei pela pesquisa e depois fui lecionar. Foi uma experiência importantíssima, abriu um leque enorme de assuntos mais antigos... Eu sempre gostei de História, não tem aqueles livros do Spengler, do Toynbee, principalmente esses dois e tudo que fosse da grande História, sempre

gostei muito. Eu me sinto bem a vontade para participar com os historiadores, porque acho que sou um deles. Nós só não iniciamos na Faculdade de Filosofia aqui em Blumenau no Curso de História porque havia o Curso de História nascente em Itajaí. E nós achamos que fazer o Curso de História em Blumenau e outro em Itajaí não ia prestar, porque não havia tanto candidato a professor em duas cidades vizinhas. Aulas de História eram duas por semana, aulas de português, quatro ou cinco, de matemática...

B.S.R.: - Até seis...

R.W.: - Uma coisa que a gente geralmente faz, já em função, pensando também nas oportunidades de trabalho em quem vai sair do curso. Hoje não há demanda para tanto aluno de História. Não pelo menos para o ensino de História, para a pesquisa não, para pesquisa eu acho que a demanda é permanente. É só saber aproveitar bem os recursos que existem. Isso é mais para vocês também (risos). Não quero falar, ex-cátedra, nisso, mas é minha percepção das coisas.

B.S.R. - Professor, voltando. Como é que era...

R.W. - Agora eu vou deixar vocês falarem um pouco, porque estou falando demais.

B.S.R. - Não! Não é demais. É só para nós não passarmos despercebido. Como era a vida de estudante no primeiro e no segundo grau de Blumenau nesta época?

R.W. - Bom, é uma pergunta, no que me diz respeito, muito interessante porque enseja uma enorme pesquisa, enorme. Veja bem, uma cidade que tinha poucas linhas de ônibus, praticamente só tinha ônibus para o bairro Velha e para o bairro Itoupava Seca. O bairro Garcia, o nosso bairro, era inexplorado. Então, o deslocamento que a gente fazia era sempre para os locais mais próximos. E alguns detalhes: como era durante a segunda guerra mundial? O Brasil tinha entrado, tinha declarado guerra ao eixo, isso parece muito bom, poucas coisas, aí tinha alguns desses ônibus que eram a gasogênio. Queimava-se madeira e com a energia dessa queima, moviam-se os ônibus, depois duma adaptação. Não havia combustível, andava-se a pé mesmo.

De manhã a gente tomava café saia, pegava a lancheira, colocava o lanche e ia para a escola. De uniforme! Isso servia tanto para o Sagrada Família (onde eu fiz o primário) quanto para o Santo Antônio (onde fiz o chamado secundário). E os tipos de curso que haviam na época, por exemplo: o Pedro II, que era um Colégio do Estado, ele tinha todos os cursos e funcionava no período diurno e noturno; no período noturno funcionava o magistério, o chamado normal. No Santo Antônio, de manhã, funcionava o ginásio, após o ginásio, o científico. No período da tarde, funcionava o .. aquele... era o técnico de primeiro grau, que hoje não existe mais. Logo, mesmo no Santo Antônio, estes aos poucos vão começando a se extinguir. Existia o curso técnico de primeiro grau à tarde e à noite existia então, o primeiro auxiliar de contabilidade, depois o contador. Num tempo em que houveram muitas, muitas passagens, assim nívéis, desnívéis, mudanças, não mudanças. O Colégio que dispunha de 4, 5, ou 6 professores leigos e o restantes 14 eram todos sacerdotes, coisa que hoje está totalmente modificada. Até a inexistência de tanto sacerdote, para alimentar a juventude, os tempos são bastantes diferentes. E dentro do Colégio Santo Antônio, então, a gente ia para lá com a sua “muchilazinha”, o seu uniforme, os seus galardões aqui em cima. O primeiro galardão, era 1, o segundo eram 2, o terceiro eram 3, o quarto eram 4 e no científico já não se usava mais uniforme. Depois, para não trazer muitas dificuldades para os alunos, esses dragões, esses galardões, essas faixas, conforme ainda hoje se usa na aviação civil, isso foi caindo em desuso, porque achou-se que não ficava bem, assim, marcar demasiadamente o nível em que cada pessoa estava. Não sei se isto era certo ou errado, mas na época era assim! O Sagrada Família ele tinha o Curso Primário, tinha o Jardim de Infância que eu freqüentei. O Primário tinha séries que eram matutinas e séries vespertinas. Por exemplo, me lembro do meu segundo ano primário foi vespertino, e a vida era aquela.

B.S.R. - E além da escola, como era essa coisa do divertimento, do lazer...?

R.W. - Era uma boa! Como isso aqui era pequeno. Em todo canto tinha um campinho de futebol. Nós tínhamos um barranco, chamado barranco, lá perto de casa, onde à tarde a gente se reunia...

B.S.R. - Escuta, onde o senhor morava?

R.W.: - Morei naquela época, na rua Sete de Setembro, número 1694. Isto é, onde hoje... quase na esquina da rua Amadeu da Luz. Ali onde é o ... o setor de separação do INSS, por ali um pouco mais abaixo, quase na esquina da rua Amadeu da Luz e o barranco era perto da loja Móveis Rosmarkt, na própria rua Getúlio Vargas. Então, a gente se deslocava para lá e batia uma bolinha. E outra coisa que a gente fazia, à tarde, era jogar clica e jogar botão. Uma beleza! Cada um tinha o seu time de futebol de botão, jogava-se lá em casa e a minha mãe que, ainda era viva na época, quando chegava 13h 30 min., recebia aquela chamada: "Dona Hilda, podemos entrar?" Dava permissão para entrar. "Pode entrar". Então, podia-se começar o jogo de futebol de botão, quando a gente cansava do botão, então a gente ia bater uma bolinha mesmo, lá em casa.

B.S.R.: - E o rio?

R.W.: - Olha, eu desconhecia o rio. Eu não conhecia o Rio Itajaí-Açú, mas conheci o Rio Hercílio aquele lá de Ibirama, e aquela parte lá do Itajaí, mais ao norte do Hercílio, alguns afluentes do Hercílio: Como Kraul, o Índios, isso eu conheci porque tinha parentes morando naquela região. Passávamos as férias de julho lá no verão. Era o mês inteiro e as férias grandes eram grandes mesmo!

B.S.R.: - Dezembro à março.

R.W.: - Mas, não sei se isso é bom ou não. Era muito bom. Eram férias, férias mesmo. E como o meu pai trabalhava o tempo todo, o dia todo... Olha férias, a gente necessita! É ruim abrir mão delas, isso não é uma boa. Férias! Férias! mesmo! Hoje em dia, a gente tem um período de férias bem mais restrito. E, o Colégio Santo Antônio, por exemplo, encerrava as aulas lá pelo dia 15 de dezembro e recomeçava no dia primeiro de março. Nessa época eram férias mesmo. Eu

acho que a gente viveu uma infância muito interessante. Tínhamos vizinhos, tínhamos conhecidos. Blumenau tinha as suas escolas de dança. Isso também deve ser apurado por vocês.

B.S.R.: - Para moças e rapazes ou...

R.W.: - Sim, escola de dança.

B.S.R.: - Ah é!?

R.W.: - Sim, existia mais de uma! As pessoas aprendiam a dançar porque as moças debutavam aos quinze anos.

B.S.R.: - Os rapazes tinham que ser pares.

R.W.: - Os rapazes não debutavam, mas, tinham que ser par.

B.S.R.: - Ou como é que ia conhecer a moça, fazer a corte.

R.W.: - É exatamente.

B.S.R.: - E como foi essa saída daqui para o Rio de Janeiro, professor? Na época devia ser uma epopéia, um lugar longe.

R.W.: - É, mas como eu estava resolvido a ser engenheiro, eu lutei muito para que isso acontecesse. E meu pai e minha mãe sempre me deram muita força para que isso pudesse acontecer. Sempre lutaram muito e ... nós... o meu pai tinha uma ele era o diretor gerente de uma companhia de seguros, a Mútua Catarinense que, tinha agência no Rio de Janeiro. Então, ele fez um acordo lá com um representante, um português ...(incompreensível) ...e que iria me alimentar daquilo que fosse necessário, isto é, só precisando de dinheiro para me sustentar nos primeiros tempos. E o interessante também é que eu, quando estava no 2º Científico, isso em 1948. Eu comecei a trabalhar num escritório de engenharia, eu comecei a me preparar. Então, eu estudava de manhã no Santo Antônio, e à tarde eu ficava naquele escritório de engenharia do Dr. Rosek. Estudei topografia, fechávamos poligonais como quem fosse ser engenheiro, que acabei

não sendo. Mas, acabei me tornando professor, acho que serviu bastante. Tanto é que aí estão os meus, cerca de 36.000 alunos ...

B.S.R.: - Com os quais o Sr. trabalhou?

R.W.: - Com os quais eu trabalhei durante esses anos todos.

B.S.R.: - Aí o senhor foi para o "Mosteiro de São Bento", o senhor começou a trabalhar ...?

R.W.: - Isso foi para fazer aquela pesquisa. O título da pesquisa era "História Eclesiástica da Inglaterra dos Primórdios até São Bento Venerável". Eu tinha delimitado isso. O Mosteiro de São Bento tem uma biblioteca riquíssima. Tem aquela coleção toda da patologia? grega, de patologia latina, aquela "Analecta Bolantiana" da Companhia de Jesus dos jesuítas. Isso tudo eles têm completo.

B.S.R.: - Quem tem uma das obras mais completas sobre o século XIX são eles, com certeza!

R.W.: - É muito bonito, eu me entusiasmei!

B.S.R.: - É um lugar lindíssimo. O Mosteiro de São Bento, quem for ao Rio e não conhecer....

R.W.: - É, a divisa da ordem é a "hora ed labora" . A gente fazia aquela pesquisa lá na biblioteca e víamos os monges, torrando café. Isso aí foi uma época muito boa na minha vida.

B.S.R.: - E aí o senhor ficou lá no Mosteiro de São Bento e começou a trabalhar lá ...?

R.W.: - Mas isso só no período da manhã, trabalhava de tarde e dava aulas particulares. Durante um ano trabalhei num escritório de topografia. Mas isso só levou um ano. Foi o ano de 1951. Aí achei que era muito mais interessante eu dar as aulas que trabalhar no escritório de topografia que, não me realizava. Mas, os meus 12 anos passados no Rio de Janeiro, assim com períodos de férias em Blumenau, foi uma época muito interessante da minha vida. Eu aprendi muito. A vida de cidade grande ... aí eu me tornei um cidadão mais do mundo.

B.S.R.: - É preciso sair para ver. Não basta ler sobre os assuntos.

R.W.: - Não basta ficar no nosso mundinho, ele é muito pequeno, muito pequeno. E, olha, assim vamos dizer ... a escola daquela época era uma coisa! Mas as comunicações daquela época eram uma coisa infernal! Olha, daqui para Curitiba, dependendo da época, a gente saía de manhã cedo, às 5 da manhã, para chegar lá às 9 da noite. Não existia a BR - 101. A gente nem se faz idéia. A BR - 101 não existia! Então, para se ir à Curitiba passava-se por Mafra. Pegava-se aquela serra lá de Jaraguá. Ia-se por Mafra já havia estrada "Dona Francisca" que liga o planalto a São Francisco do Sul. Era só a estrada "Dona Francisca", essa existia e era muito ruim! Então, quando chovia era um problema! A "Catarinense" ia daqui a Joinville, passando por Jaraguá. E a empresa que ia para Curitiba chamava-se "Viação Cometa" a mesma possuía uns ônibus para 16 ou 17 pessoas. O ônibus saía daqui levando correntes, porque se precisasse ... tinha que usar correntes para subir a serra. Porque era serra mesmo!

B.S.R.: - Então até o Rio de Janeiro era uma ...

R.W.: - Até o Rio de Janeiro era uma aventura completa! (risos)

B.S.R.: - E aí a viagem era mais ... Quando o senhor ia para o Rio de Janeiro, o senhor ia de navio ou de ...?

R.W.: - Não, avião! Era mais rápido. Acho que eu fui um dos primeiros passageiros de linhas regulares. Embarcava-se em Itajaí, que era o aeroporto e descíamos no "Santos Dumont".

B.S.R.: - O senhor nunca foi de ônibus ou de carro para o Rio? Nunca fez essa epopéia ?

R.W.: - Não! Essa epopéia nunca fiz. Eu já fui de trem a São Paulo. Isso sim! Mais de uma vez.

B.S.R.: - De trem era mais fácil porque?

R.W.: - Embarcava-se em Jaraguá, pernoitava-se em Ponta Grossa e no começo da noite seguinte, depois de dois dias, estávamos em São Paulo. Mas, fiz uma vez a minha viagem inaugural para São Paulo, onde fui tratar da minha saúde, eu fui aprender a andar em São Paulo,

aos cinco anos e meio, fui de navio, embarcamos em Itajaí, minha tia, meu pai e eu, num navio chamado "Aspirante Nascimento". Existia a linha do "Hoepcke". Esse não era do "Hoepcke", esse era outro dono. Tinha o Carlos Hoepcke, tinha o "Hanna" e tinha o Otto, não sei se você lembra. Saímos de Itajaí e fomos até Santos. Em Santos, tomamos o trem para São Paulo – Rio para subir a serra e chegar a São Paulo. Isso levava 3 dias. Isso quando a gente chegava bem! Se viesse uma tempestade pelo caminho era ... Olha, viajar de navio nunca mais! Não vale a pena, não aconselho para ninguém. Quem enjôa, passa muito mal.

B.S.R.: - Isso foi quando professor?

R.W.: - Isso foi em 1937. Eu saí daqui em fevereiro para começar a andar em julho de 37. Cheguei bem!

B.S.R.: - Naquela época, era diferente. Os próprios navios não tinham tantos recursos?

R.W.: - Não, a gente ... eu não saí do camarote o tempo todo! E, eu sempre fui muito dado a enjoô. E eu tenho esse meu equilíbrio muito instável. Então ... minha última viagem de sucesso num navio foi em 1969, em Natal, lá no Rio Grande do Norte. Onde meu irmão ficou baseado, em Natal. Eu assisti a última viagem de um "naviozinho" da marinha brasileira, era um navio de madeira, estava saindo da esquadra. Como foi uma viagem pequena era só sair da barra. Conhece Natal ?

B.S.R.: - Conheço!

R.W.: - Era só sair, passava-se por aquele forte dos 3 mares, saía-se para o alto mar e jogava-se umas flores para o marinheiro desconhecido. E voltava-se.

B.S.R.: - Era só um ritual?

R.W.: - É, um coquetel a bordo. O meu irmão, esse é da marinha, ele, atualmente, está no penúltimo posto da marinha. Ele é vice-comandante, está indo para almirante de esquadra, eu acho que chega lá. Ele também estudou no Colégio Santo Antônio. Fez o ginásio aqui, naquela

época eu já estava no Rio de Janeiro, então eu acabei de colocá-lo lá. Colocá-lo não é um modo completo, o modo certo de dizer as coisas. Eu o levei junto porque ele ia ficar no Colégio Naval, portanto, era ali perto. Esse rapaz, de 60 anos, está hoje na marinha desde 1954 ininterruptamente. Foi quando ele entrou no Colégio Naval. Só para dizer quando ele esteve em Natal, baseado lá, eu fui fazer uma pequena viagem de navio de madeira (RISOS).

B.S.R.: - Em quantos irmãos vocês são?

R.W.: - Atualmente, somos, vivos tem esse irmão almirante, tem a minha irmã que se formou na "Federal de Santa Catarina" como professora e eu. Somos nós três agora. Mas éramos em 5, porém 2 são falecidos. Nossa pequena turma.

B.S.R.: - E aí o senhor passou esse tempo no Rio, e quando o senhor voltou?

R.W.: - Do Rio de Janeiro eu voltei em 1960, é uma outra passagem muito interessante. Voltei em 1960 para tratar de saúde. Fiquei aqui durante o ano de 1960. Em julho de 1960, fui me oferecer como professor no colégio Santo Antônio, no colégio Sagrada Família e no colégio Pedro II. Então eu já digo: "Olha, no Rio de Janeiro não vai durar muito, porque essa... olha doze anos de vida de pensão você enjoa!"

B.S.R.: - Cansa?

R.W.: - Cansa! Porque a gente não é... a gente toda vez que vem para cá, depois de ter que procurar um lugar para morar . . . O Rio de Janeiro é uma cidade terrível, faltava água, faltava luz, faltava telefone, faltava tudo. Melhor é Blumenau. Quem me acolheu aqui foi o então diretor do Colégio Santo Antônio, Frei Ernesto. E o Frei Ernesto diz: "Olha professor, terei muito prazer em recebê-lo, as aulas começam no dia primeiro de março de 1962. E lembre-se professor, o colégio dá treze salários!". E olha, eu ganhava muito mais no Colégio Santo Antônio do que no meu colégio do Rio de Janeiro. A diferença era mais ou menos assim: era de vinte e cinco mil cruzeiros aqui no Santo Antônio e era de dezessete mil no Colégio Aliomar Pereira. Todavia, o

Ginásio Aliomar Pereira foi muito bom para mim, muito bom mesmo. Porque lá, eu tinha praticamente carta branca para fazer as coisas e o Santo Antônio é um colégio que nasceu em 1877, quer dizer, já tinha uma tradição bem definida. Enquanto, que o Ginásio Aliomar Pereira, Escola Técnica de Comércio Santa Cruz era propriedade de um médico baiano, muito bom, Aliomar Pereira que, deixava a gente mais ou menos fazer as coisas como achasse melhor, desde que fizesse alguma coisa que prestasse. Voltei de lá para cá. Mas alguma coisa que consegui implantar naquele colégio foi o que aprendi no Colégio Santo Antônio enquanto aluno do Santo Antônio, por exemplo, no Rio de Janeiro os alunos não marchavam, não faziam desfiles de Sete de Setembro. Aquilo era para as forças armadas, os alunos não desfilavam. "Se o senhor colocar os seus alunos para marchar um pouquinho vai não ficar ruim, vão gostar, pode ter certeza". Marchavam meio rebolado, mas marchavam. Aí eu vim para cá...quando eu vim para cá do Rio de Janeiro para Blumenau, o meu pai me apresentou ao Dr. Martinho Cardoso da Veiga, foi aí que conheci o Dr. Martinho, primeiro reitor da FURB, que era chefe jurídico, pense bem. . Ele foi ao Pedro II, falou com o diretor, não sei se conhece, era o irmão do Professor Valdir Floriani se tinha lugar para um professor licenciado em matemática, mas não tinha. As vagas estavam tomadas por professores que não eram licenciados mas eram concursados, tudo bem até (incompreensível)... Porém na primeira oportunidade, quando surgir uma vaga vou te chamar, não conte com isso, porque o Colégio Santo Antônio ele não vai me dispensar e nem o Colégio Sagrada Família vai conceder isso. Não sei quando vou poder lecionar no Pedro II, uma vez que lecionava no Santo Antônio de manhã, no Sagrada Família à tarde e logo depois começou a surgir a FURB, com o Curso de Ciências Econômicas que era noturno. Então, vou trabalhar com vocês como? Em que período? Nunca gostei de dar aulas demais, conversava isso em sala. Quem precisa de férias, tem que ter férias mesmo.

B.S.R.: - Tem que ter tempo para pensar também, para construir conhecimento, para pesquisar um pouco...?

R.W.: - Eu sempre gostei de buscar muita informação, e sou um curioso, não sei o que vou fazer com tanta informação, mas enfim, enquanto puder vivenciar eu vou aproveitar. Agora por exemplo, se eu não estivesse aqui, estaria vendo televisão, estaria recebendo mais informação. Tem um setor da FURB que eu achei muito interessante, leve isso lá como contribuição, eu acho que eles merecem. O SPVT está funcionando muitíssimo bem, aqueles jornais da FURB, aqueles da...

B.S.R.: - Assessoria de Marketing?

R.W.: - É, aquilo tudo, todas aquelas informações que eram ditas a mim... Eu sei, olha, eu acho que sei melhor como é que está a FURB hoje do que vocês.

B.S.R.: - É possível.

R.W.: - Porque tenho informação.

B.S.R.: - E professor, como é que o senhor se envolveu na fundação da FURB, como é que essa idéia vai surgir?

R.W.: - Pois é, o Dr. Martinho, ele, além disso, aquele programa da Rádio Nereu Ramos, "Preto no Branco" que está citado naquele "livrinho" que eu falei no começo, fui entrevistado lá. O Lazineiro, um chefe político daqui, ele me convidou para fazer um "Preto no Branco" e isso foi começando a surgir a idéia. O Dr. Martinho me apresentou o Milton Pompeu e começamos a trabalhar em conjunto. Naqueles, chamados tempos heróicos da FURB. Na realidade o que havia mesmo era o Dr. Martinho, o Milton, foi de uma dedicação extraordinária. (PAUSA).

R.W.: - Para ver como é que estavam as coisas em Santa Catarina na época, a Universidade Federal de Santa Catarina era... nasceu em 1962, exatamente o ano em que eu vim para cá. Era a única universidade que havia em Santa Catarina e não havia nenhum curso superior em todo

interior de Santa Catarina. E os professores licenciados eram muito raros. Quando nós começamos a lecionar aqui, onde na época, quando me ofereci no Pedro II para lecionar, em todo estado de Santa Catarina, só havia dois professores licenciados em Matemática, um aqui e outro em Mafra. Então não precisavam fazer a pesquisa, sobre se os professores, se eles eram necessários ou não, porque como não havia...e o número de aulas era de quatro por semana de Matemática. A Matemática foi um dos cursos que foi logo colocado na Faculdade de Filosofia. Essa é uma conversa que pode ir... Nós podemos conversar sobre isso ... dias. Só o senhor me perguntar, que eu vou dizendo tudo aquilo que eu acho. Algumas coisas devem ser conferidas porque eu posso estar errando em alguma coisa dado que não sou infalível. Como até agora não citei pessoas a não ser o Prof. Martinho e Prof. Milton, que realmente foi e até hoje é meu amigo e que considero muito. Ele e o Dr. Martinho são os pais da nossa Universidade. E sou uma figura assim mais de estado maior do que assim da ativa, sabe? O Dr. Martinho tinha os contatos políticos, e como havia só dois partidos na época, o PSD e a UDN, quem não era de um era de outro, isso quando alguém era de algum. Graças ao Dr. Martinho eu fui para... No primeiro ano de funcionamento, conseguimos a Escola Barão do Rio Branco para funcionar, deve ser sabido de todos. Em 64 funcionamos na Escola Barão do Rio Branco à noite, o falecido professor Mário Wisintainer era o secretário da entidade, ele fazia a limpeza das salas de aulas, depois que as aulas terminavam, porque eram umas "carteirinhas pequenininhas". Ele fazia a limpeza depois da aula. Isso em 64. Em 65, nós fomos à Escola Júlia Lopes de Almeida, na rua Venezuela, era uma escola do Estado, nós ganhamos uma ala lá porque a escola era grande demais e os alunos não ocupavam a escola toda. Todo período noturno estava vago. Então ganhamos uma ala para Biblioteca e para salas de direção, foi ali que no período da tarde quando não estava dando aula no Sagrada Família, eu tinha aula lá três vezes por semana - nas outras tardes eu passava lá na Rua Venezuela, tentando fazer a FUB transformar-se em FURB, em uma Universidade. Então,

que isso terá que ser novamente corroborado pelo professor Milton, estava colocado assim, que o Dr. Martinho faria a parte externa e o professor Milton e o professor Rufino ele, José Fernandes da Câmara Canto Rufino que foi o primeiro diretor da Faculdade de Direito. Não sei se já sarou do derrame que teve recentemente, não sei. Eles funcionavam mais na parte interna. Um era vice-reitor administrativo, no caso o professor Milton e outro era o vice-reitor de ensino, no caso o professor Rufino. Criamos então, uma estrutura de centros. Interessante, essa estrutura de centros era completamente nova em Santa Catarina. Criou-se alguns centros, mas a idéia que se tinha aqui em Blumenau, era que nós sássemos por aí criando logo uma Universidade. Porém, essa idéia não vingou, quer dizer, ela não foi muito adiante porque os fatos não estavam a nosso favor. E que essa foi uma das primeiras providências quando assumiu o Pr. Orlando, o segundo reitor da FURB, ele teve que passar no Conselho Federal de Educação para colocar isso ali. “Sim escuta?”, ele foi falar com a direção do Conselho Federal de Educação, naturalmente, Conselho Nacional de Educação, naquela época chamava-se Conselho Federal de Educação. “Como é que são as coisas? Como é que ficam as coisas com a Fundação Universidade Regional de Blumenau?”. Bom, ali disseram o seguinte: “Vocês não podem usar oficialmente o nome FURB porque vocês não são Universidade, vocês podem ter toda uma estrutura de Universidade, mas não são Universidade, porque quem começa o ensino superior criando Faculdades, vai ter que continuar a criar faculdades até que essas sejam cinco, das quais pelo menos uma tem que ser Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Essa era obrigação em termos de legislação vigente no Brasil. (PAUSA). Bom, criadas as Faculdades tem que se ir até o fim faculdades, cinco, então, nós tínhamos uma solução para a FURB, que, como eu lhe disse no começo, nós não sabíamos nada, nós não sabíamos nem que a autorização de vestibular significava autorizar uma Faculdade a funcionar, nem isso a gente sabia! Coisa absolutamente nova, tínhamos que fazer assim. E foi assim que fomos fazendo. Então, Ciências Econômicas era a primeira Faculdade: Direito,

Ciências Jurídicas: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, só faltava criar mais duas. Criou-se então, a Faculdade de Educação Física e a Faculdade de Engenharia no correr do tempo. Essa e outras coisas assim muito, um outro grande problema que nós enfrentamos foi que, como não tinha muita gente sabendo das coisas, também não tinha muita gente para fazer as coisas. Então, por exemplo, um processo de reconhecimento, como é que se faz? Essa era outra pergunta que tinha que ser respondida. O reconhecimento tinha que ser feito para valer os diplomas dos alunos, bom como se faz o processo de reconhecimento? Tem que sentar alguém e fazer. Tem que fazer professor por professor, disciplina por disciplina, aprovação por disciplina ou conjunto de disciplinas, valia. Eu sei que nós ficamos devendo, Faculdade de Ciências Econômicas, nós ficamos devendo para os nossos alunos esse reconhecimento durante um par de anos. Não por má vontade, mas exatamente por não saber como fazer. E não ter quem fazer. Porque pedir, por exemplo, a alguém, “olha você vai fazer o processo de reconhecimento da Faculdade de Ciências Econômicas”? “Pois é, por onde é que eu começo? Faço como? O que eu faço?” Não é? Tinha que ser feito. Então, esta foi uma das grandes virtudes do Pr. Orlando que, assumiu a FURB na época, depois daquela briga que houve entre o Professor Milton e o Professor Rufino, que não conseguiam se entender direito, um puxava para um lado e o outro puxava para o outro. Um tinha o ensino e o outro a administração, quem tem a administração tem o dinheiro. Portanto, é difícil ensinar alguma coisa tendo que pagar alguém que a gente tem que pagar, se a gente não tem uma colaboração mais efetiva entre os órgãos que devem fazer essas coisas. Esses foram um dos piores períodos da minha vida porque eu estava envolvido nisso até a medula, e não era nenhuma coisa nem outra e tinha que ouvir as queixas dos dois lados. E era coisa séria! Bom, ali então, finalmente, o Professor Rufino nomeou uma secretária “ad doc” para fazer o processo com ele. O Professor Milton, ele também nomeou uma pessoa para colaborar no processo, para fazer o processo. Mas isso levou muito tempo. Há pessoas que gostam de falar. Em geral, quem gosta

muito de falar não é dito que goste muito de escrever, antes o contrário. Então, falar é mais fácil. Sentar e escrever é mais complicado. Principalmente quando envolve muitas minúcias. Porém, o problema, felizmente, acho que isso eu posso dizer com toda isenção, o problema não era só nosso. Porque existe uma revista do Conselho Federal de Educação que normatiza todas essas situações. É a documenta. Eu que fui durante sete anos, de 1970 à 1977, fui reserva de membro do Conselho Estadual de Educação. Quando fui lá pela primeira vez, eu descobri que o próprio Conselho Estadual de Educação, o órgão normatizador de todo o ensino em Santa Catarina, ele também não tinha, ele nem sabia o que era isso! Eles não tinham essas revistas. Então os pareceres eram dados muito mais em função da sabedoria de alguns conselheiros do que propriamente de alguma coisa mais fundamentada.

B.S.R.: - O Conselho ... O Conselho mesmo ...?

R.W.: - E isto teve que ser mudado, porque nessa época começam também as outras Fundações de Santa Catarina a serem implantadas com seus cursos, suas Faculdades, todas as suas atividades de ensino, pesquisa e extensão também. Mas diga professor!

B.S.R.: - Não. Tá interessante! Professor, como é que era a educação? Porque tem duas coisas aí, o tempo em que vocês se reuniam, mas como é que surgiu essa idéia de criar a universidade?

R.W.: - Da necessidade! Vide uma colaboração para o . . . aquele "livrinho", que conta tudo certo! Porque uma vez que ensino superior autorizado e reconhecido só havia aqui em Santa Catarina em Florianópolis, como fazer no interior do estado? Onde as pessoas, por exemplo, não podiam largar o seu trabalho, simplesmente, para fazer um Curso em Florianópolis. Como fazer isso?

B.S.R.: - Isso tudo. Fico pensando essa questão da idéia, da mentalidade para nortear essas coisas, porque naquela época tem que se pensar que, olha no interior. O ensino superior lá em Florianópolis estava distante das pessoas, em geral, isso vai ter um impacto na cidade.

R.W.: - Era o interior sem BR - 101 professor! Ainda isso! Para ir daqui até Itajaí não tinha estrada asfaltada! Quer dizer, as comunicações eram muito mais precárias do que hoje. Portanto, a dificuldade de se criar um Curso em Florianópolis era muito maior.

B.S.R.: - Exigia aporte de recursos ?

R.W.: - E a presença da pessoa lá. E em virtude disso é que foi surgindo o ensino superior disseminado por toda Santa Catarina, que tem um sistema no Brasil, que é o sistema de Fundações. Fundações municipais que foram sendo implantadas aos poucos, criando-se com isso a ACAFE.

B.S.R.: - Isso tudo professor, teve um impacto muito grande na cidade. Porque ao mesmo tempo, claro, que havia a necessidade, tinha pessoas que tinham essa necessidade por não terem a oportunidade de saírem daqui, também devia ter alguma oposição. Ou não?

R.W.: - Sim! A oposição sempre houve. Porque implantar uma Universidade é primeiro lugar um ato de rebeldia, anticonservadorismo. Quer dizer que, vai ficar alguma coisa que está colocada, que vai ter que ser desfeito para o surgimento de outra. Então, uma cidade conservadora como Blumenau custou a assimilar a idéia de uma Universidade. Custou mesmo!

B.S.R.: - Porque isso mexia com os empresários, com todas essas pessoas, enfim, com todos ...

R.W.: - Um empresário imaginava que o curso deveria que ter em Blumenau era o curso de Química. O outro imaginava que devia ser o outro curso "que nada química! O bom mesmo é o Curso de Ciências Econômicas". O outro já pensava em um curso de Administração, que era uma novidade na época. Enfim, não havia unanimidades.

B.S.R.: - Nem entre eles próprios?

R.W.: - Nem entre eles próprios! E mais uma coisa! Naquele “livrinho” está consignado de uma forma muito interessante, quem fosse do PSD provavelmente teria problemas em freqüentar alguma coisa da UND e vice versa. O jogo partidário que, depois ficou resolvido pela revolução. Acabou com tudo isso, inclusive com UDN e PSD.

B.S.R.: - Juntou UDN com PSD. Aqui não tinha o Partido Comunista.?

R.W.: - Não.

B.S.R.: - Não havia a possibilidade de ele existir?

R.W.: - Aqui tinha uma “celulazinha” do PSP, mas era muito pequena.

B.S.R.: - Mas, que depois também vai acabar se juntando ao ARENA?

R.W.: - É! Sim, era ARENA e MDB.

B.S.R.: - Para se polarizar as relações?

R.W.: - Com tudo isso, a gente teve que construir essa Universidade que hoje eu acho que está bem. Está bem! O movimento pró sede própria acho que é outra epopéia. Eu posso falar isso de cadeira porque não é obra minha. Aquilo é obra do Professor Pompeu! Tem que se dizer que ele ia, ele que estragou não sei quantos carros dele andando por aí para fazer aquela ... famosa, aquela reunião em Ibirama onde todos os municípios do Vale do Itajaí imaginaram uma única ... uma única voz para tornar no Vale do Itajaí o processo Universitário coeso.

B.S.R.: - Como é que foi essa reunião em Ibirama?

R.W.: - Convocou-se entidades, lideranças políticas e econômicas, industriais e comerciais, e então uma vez que já existia porque, ainda tem mais uma coisa professor, se a gente não tivesse nada para oferecer ninguém ia acreditar na gente. Então aqueles blocos “A, B e C”, já em construção e quase final de construção, eles foram uma espécie de aval para que a gente pudesse dizer “olha, está surgindo isso daqui, vocês estão vendo?” E então se fizeram os conchavos

políticos, econômicos, industriais, comerciais enfim, de toda a sociedade para que essa idéia então prosperasse. O monumento atesta isso : “unidos construímos a nossa Universidade”.

B.S.R.: - Por que essa reunião foi feita em Ibirama?

R.W.: - Para não tornar muito ostensiva a idéia que Blumenau era a cabeça disso. Para tornar isso tudo menos ostensivo. Porque Ibirama era uma cidade neutra. Não tinha curso superior algum, nem cogitava ter. Se fizessem em Blumenau ou Rio do Sul, “a não, aí tem interesse de fulano, beltrano, sicrano.” Então se fez em Ibirama porque era um ... era neutro!

B.S.R.: - Não se particularizava?

R.W.: - É. Há outros detalhes aí que precisam ser bem vistos. Que dada a quase total ignorância das coisas do ensino superior aqui em Santa Catarina, principalmente do interior de Santa Catarina. Pensava-se que, abrindo-se um determinado curso de Administração em Rio do Sul se podia fazer uma filial dele aqui em Blumenau. Como, aliás, isso se pensou. Pensou, foi até feito, mas não prosperou porque não podia prosperar. Porque a Faculdade de Administração de Rio do Sul era uma coisa, e a Faculdade de Ciências Econômicas aqui em Blumenau era outra. Eram entidades distintas.

B.S.R.: - E porque a Universidade não é como um negócio onde se vai montando filiais em todos os lugares onde se quer. Não dá para pensar dessa forma?

R.W.: - Exatamente! Embora, às vezes se queria.

B.S.R.: - É. Algumas pessoas têm essa perspectiva. Mas, quando se pensa em Universidade se pensa em pesquisa, se pensa em extensão, já para não pensar assim.

R.W.: - Já não dá para pensar assim. (SILÊNCIO) Então, eu sei que as dificuldades foram muitas. Está a par do movimento pró sede própria? Aquela onde se venderam bilhetes de rifa de cinco carros. Sabe?

B.S.R.: - Eu vi fotografias suas, eu vi até um exemplo do bilhete.

R.W.: - Eu andei vendendo alguns bilhetes na rua XV de Novembro, lá na praça Dr. Blumenau, aos domingos à tarde . Ali, eu acho que os empresários começaram a colocar um pouco mais de fé.

B.S.R.: - Porque tinha visibilidade?

R.W.: - Além de eles estarem vendo os prédios serem construídos, eles começaram também... quem é que ia comprar os bilhetes da tómbola de uma rifa que não era oficial.? É uma temeridade, porém, os empresários... eles... as principais indústrias... aquilo se dividiu de tal maneira que as indústrias, quer dizer, as principais indústrias ficavam cada qual com a sua cota. Os industriais e os comerciantes ficavam com uma parte da cota e a outra parte da cota era repassada para os funcionários. Então, foi um movimento comunitário por excelência, que não foi nem o Rivadavia, nem o Milton, nem o Rufino, nem o Dr. Martinho que fizeram a Universidade. Foi toda a comunidade que fez. Houve uma participação de todo mundo.

B.S.R.: - Af a comunidade sente o quanto é importante?

R.W.: - E depois, também se começou a ver o seguinte: aqueles que... aqueles rapazes e aquela moça, a Meri, que se formou no Curso... na Faculdade de Ciências Econômicas, na primeira turma, eles eram pessoas que tinham outros horizontes, o normal das pessoas que não tinham curso superior. Isto começou a se notar também. Notando-se isso, nós temos um outro aliado para a divulgação, o ensino superior.

B.S.R.: - Essa pessoa que se arrisca e se dispõe tem todo um outro olhar de mundo?

R.W.: - Quando um formado, primeiro aluno da nossa primeira turma, "Mário Hegel", por exemplo, foi para Joinville trabalhar para numa grande indústria, puxa pensei, ele é uma pessoa bem talhada para aquilo, tem autoridade sobre o que diz e o que faz não é? Tivemos outros alunos que foram para a Volkswagen, também das primeiras turmas, enfim, aquilo foi se disseminando. Os alunos que se formaram nas primeiras turmas não ficaram só aqui, eles foram se disseminando

pelo estado todo e por outras cidades fora do estado, e aí o movimento mesmo eclodiu, mas passamos tempos complicados. O ano de 1970 foi um ano complicadíssimo... (problemas na gravação). Porque essas fundações do interior de Santa Catarina, por exemplo, para se criar uma fundação em Joaçaba ou em Concórdia ou em Videira, onde nós, atualmente, temos os melhores cursos de Direito do Brasil, segundo a pesquisa do Ministério. E isso tudo não nasceu por acaso. Agora a nossa... Eu tenho consciência de uma coisa, fazendo justiça ao Dr. Rufino, a concepção da nossa Faculdade de Direito foi uma obra dele. Foi com aqueles estúdios, os professores eram todos juizes. Porque, pelo que ele sempre dizia, e olha, quem passou por um curso de juiz não precisa a rigor se sujeitar a mais um concurso para professor, embora seja uma atividade diferente, mas ele tem um conhecimento básico para ensinar no Curso de Direito. Enquanto que, por exemplo, o ingresso para as Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia, Ciências e Letras era feito por concurso público. Eu ingressei na FURB por concurso público. O professor Milton e o professor Diderot também é da velha guarda. O professor Brancher também, e outros que estão hoje aposentados. O Orlando Gomes, um dos articuladores da faculdade de Engenharia, também, fez concurso na época para Faculdade de Ciências Econômicas. Eu acho que no fim tudo isso fez com que o movimento, uma vez que, a árvore apresentou bons frutos, ela começou a ser aceita. Com muita dificuldade, porque não é fácil a uma entidade como Universidade obter uma credibilidade numa região muito conservadora onde se cinco aceitam bem a idéia, outros cinco não a aceitam.

B.S.R.: - Professor, o Senhor disse “ uma região muito conservadora...”.

R.W.: - Pelo menos era.

B.S.R.: - É sim, mas o que era uma região muito conservadora!?

R.W.: - Uma região que não aceita muito as mudanças, pelo menos mudanças rápidas. Talvez para descrever melhor a situação, “ como é que eu faço”, essas coisas não tem assim uma

definição propriamente. Mas, exemplo surge. Quando determinadas atividades mexem nos bolsos das pessoas elas começam a ficar críticas. Quem vai perder ou quem vai ganhar com isso? Qual a fatia que eu vou perder com isso? Qual a fatia que eu vou ganhar com isso? Como é que eu vou fazer? Os meus funcionários mais graduados, eles não terão que receber muito mais que os funcionários não graduados? Portanto, isso começa a mexer com o bolso. Então, isso se sente muito. Sentia-se ao menos. Veja, por exemplo, o que está acontecendo, agora com os grandes capitães da indústria, estão saindo daqui. Já saiu uma de Joinville para São Paulo, ou para centros maiores ainda, de modo que, começa-se a dizer de repente: "Olha manter uma indústria em funcionamento aqui começa a ficar muito oneroso, eu tenho condições de baratear os meus custos de produção em outras regiões do Brasil com mais sucesso. Esquecendo porém, que é preciso primeiro preparar a primeira mão-de-obra nesses outros lugares. Esse é o grande problema do conservadorismo. Ficar no *laisse faire*.

B.S.R.: - *Laisse fare, laissez fasset*. É verdade. É porque eu não sou natural de Blumenau, gosto muito daqui, estou aqui há dez anos, vim para trabalhar com o Nelson Budag na Hering, ele é professor da FURB.

R.W.: - Sim, sim o Nelson Budag era da nossa primeira turma de Química.

B.S.R.: - É o professor que eu considero muito, porque ele é muito meu amigo... Lá na Hering, me ajudou muito e a gente conversava muito sobre essas coisas. Sobre as características da cidade. Não como características ruins, mas como características sobre a dificuldade da cidade assimilar esses tempos de mudanças que estamos passando, que são tempos muito rápidos. Esses últimos 30, 40 anos, houveram grandes mudanças no mundo todo e a cidade procura viver ainda de uma mesma forma? Eu sempre lembro, tinha uma pessoa que estagiou comigo na Hering, Eberardh era um rapaz que veio da Comunidade Econômica Européia e ele dizia que aqui não tinha nada da Alemanha. Que aqui era um outro lugar, uma outra cultura que não era a cultura

alemã, porque essas coisas não se via na Alemanha, hoje. Ele era muito jovem, ainda tinha 18 anos, esse rapaz fazia uma análise muito interessante, pois aqui nós mantivemos alguns valores que lá não existem mais.

R.W.: - Sociedades de Caça e Tiro ainda existem lá em alguns lugares, por exemplo, lá na região de Munique, na Baviera e em outros lugares.

B.S.R.: - Mas, com algo folclórico, não como cotidiano?

R.W.: - Aqueles “programinhas” que a “Deutsche Welle” nos apresenta nos fins de tarde de domingo. Alguns apresentadores interessantes vestidos à caráter, mas é folclórico mesmo. Me lembro bem do Nelson Budag. Aliás, o Curso de Química, praticamente nasceu por acaso. Não era para ter curso de Química no início. Mas, como vice-diretor nomeado para a Faculdade de Filosofia era um químico. Então, ele começou: “mas Rivadavia, escuta, você tem o Curso de História Natural, tem muitas disciplinas de química, porque não abrimos o Curso de Química de uma vez, já que a área têxtil está muito interessada neste curso, depende da área de química.” E era verdade, ele tinha razão.

B.S.R.: - O processo de tingimento de água, essas coisas?

R.W.: - Tudo isso interessava muito. E o Curso de Química, o mais interessante, ele prosperou muito melhor que o de História Natural. Tanto é que, o Curso de História Natural acabou sendo extinto por portaria ministerial. Em pleno processo de reconhecimento da Faculdade de Filosofia, tivemos que amargar a extinção do Curso de História Natural que, era um dos nossos carros chefes. Tendo que transformar-se, obrigatoriamente, em um ano, no Curso de Ciências Biológicas. Como fazer isso? Tem que fazer! É O Conselho Federal de Educação que manda, a nós não compete discutir isso.

B.S.R.: - Nós obedecemos? (RISOS)

R.W.: - Nós temos que cumprir. Se nós queremos o reconhecimento da Faculdade temos que fazer isso. Então, estes são alguns pontos do início desse movimento todo que, vamos dizer assim, com a seqüência desse projeto a gente vai, eu acho que dá para fazer muita coisa boa.

B.S.R.: - Com que atividades administrativas o senhor se envolveu?

R.W.: - Olha, eu, principalmente, me envolvi com a atividade administrativa, essa de colocar as coisas no papel, estatutos, regimentos, enfim, tudo aquilo que representava a parte burocrática. Como era professor e me movimentava muito mal, isso ficava bem para mim. Que não me trazia nenhuma dificuldade maior, e como tinha o conhecimento das coisas como elas ocorriam fora, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, então ficava fácil para eu procurar. Eu escrevia para todos esses centros para me informar como é que eram as coisas lá. Para aprender com eles.

B.S.R.: - Quando o senhor morou no Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro era a capital da República? E, então, todos os órgãos federais, os ministérios, tudo estava lá. O Ministério da Educação demorou bastante para ir a Brasília, foi na década de 70.

R.W.: - Conheci aquele prédio de cabo a rabo!

B.S.R.: - Aquele prédio sob "pelotisa" (?) onde morava o Portinari?

R.W.: - É, morava o Portinari. Até obter o reconhecimento do meu diploma lá, foi uma África.. contei 14 idas ao Ministério para obter o reconhecimento. É, aí se enfrenta a mesma burocracia.

B.S.R.: - Esse reconhecimento ... por que era assim tão ...?

R.W.: - Bom, tinha que justificar tudo. Tudo tinha que dizer o seu porquê. E depois, também o seguinte, se o senhor pode ter uma idéia que, se os professores formados em Matemática no estado de Santa Catarina em 1967, havia dois, o senhor pode verificar quais eram as grandes "defecções" que haviam em toda a parte. Então, um dos grandes problemas que a gente enfrentava nesses processos de reconhecimento, e eu acho que, o principal de todos era o

problema da titulação dos professores. Não havia um Mestre, não havia um Doutor, uns poucos havia. Havia Mestres e Doutores nas áreas de História Natural, Pr. Raulino Reitz, Prof. Humberto ... lá do Herbário Barbosa Rodrigues, Humberto Klein, também já falecido. Esses eram doutores! Mas, não havia um único Doutor na área de química, nem Mestre! E muito menos na área de Ciências Econômicas. Então, acho que essa é uma dificuldade que, de certa maneira, justifica o tempo que se levou para o reconhecimento da Faculdade de Ciências Econômicas. Era complicado isso! Porque numa coisa a FURB sempre primou, pela honestidade. Então, nós nunca tivemos, por exemplo, professores que, digamos, morassem no Rio de Janeiro ou em São Paulo e que, estivessem citados no processo de reconhecimento das nossas escolas daqui. Isso nós nunca fazíamos. Nunca fizemos!

B.S.R.: - Como se fossem professores?

R.W.: - Como se fossem professores!

B.S.R.: - É. Alguns se usam desse expediente. Contratam, pagam. Como é que se conseguiam as pessoas naquele tempo? Só tinha a Universidade Federal formando profissionais. Também não havia, a Universidade era nova, a Federal, também não tinha ...

R.W.: - Em 62, não tinha lá grandes coisas. Mas, havia uma coisa muito importante que era o excelente relacionamento dos reitores da Universidade Federal com o Doutor Martinho. Isso foi, outra vez, fundamental. Por exemplo, no reconhecimento do Curso de Matemática, só para citar um exemplo pelo qual eu passei, os professores que lecionavam disciplinas nos últimos semestres do curso de Matemática aqui em Blumenau, eles provinham de Porto Alegre. Eles vinham de Porto Alegre nos finais de semana, davam aulas na Federal e depois vinham para cá, para Blumenau. Nós conseguíamos assim, por exemplo, uns professores mais complicados para o processo de reconhecimento de Matemática que, eram os de topologia e de análise matemática, os dois eram de Porto Alegre, da UFRGS. O professor "Penido", vinha para dar aula na Federal

na 6ª feira de manhã e à tarde, nós o trazíamos para Blumenau para dar aulas na 6ª feira à noite; o Professor de Análise Matemática, o Professor Meneguel, que tinha escritório de engenharia em Porto Alegre. Ele era trazido pela Universidade Federal, para dar aulas no Curso de Matemática da Federal aos sábados de manhã, e dar aula aqui na Faculdade de Filosofia da nossa FURB aos sábados à noite.

B.S.R.: - O tempo de vocês é muito bom. Vocês nem têm mais aulas aos sábados à noite?

R.W.: - Nem se pensa mais nisso!

B.S.R.: - Se eu marcar uma aula sábado de manhã ...

R.W.: - ... Já chiam? Mas, nós enfrentamos esse problema por dois anos seguidos.

B.S.R.: - Mas não tinha mão-de-obra disponível no país?

R.W.: - Não, especialmente, para isso não! O próprio Ensino Superior no Brasil, ele é relativamente recente. A própria criação da USP, que foi a primeira grande Universidade criada no Brasil, é de 33 ou 34 com professores todos italianos, porque eles também não tinham de onde trazer esses professores. Olha, se nós chegamos até aqui, eu acho que nós vamos muito longe!

B.S.R.: - E como era a questão da pesquisa, do ensino e da extensão? Como isso começou a surgir no corpo da Faculdade?

R.W.: - Bem, a extensão estava definida como ensino, pesquisa aplicada. Eu me lembro, por exemplo, que (SILÊNCIO) ..., com a criação do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (o IPT já é velhinho, é de 1972, 73, não me lembro ao certo) mas, então, aí começaram a ser oferecidos serviços à comunidade. Aqueles primeiros serviços de aferição de vapores pouco condizentes ... pouco ecológicos, soltados pela fumaça dos veículos a óleo diesel, por exemplo, isso tudo foi uma maneira de o IPT começar a apresentar serviços. Outra, de repente os nossos químicos começaram a achar com os químicos e os geólogos lá da Universidade, começaram a achar que o material tinha todas as condições para fabricar uma boa porcelana. Então, essas minas

começaram a ser implantadas, a ser descobertas, a ser usadas, a ser exploradas. Esse material calcário ... Isso foi dessa maneira. Então, onde se via alguma coisa que, a comunidade pudesse usar e que a FURB tivesse condições de produzir, essa informação era repassada para a comunidade, perguntava-se de uma maneira muito simples, "Escuta, você pode estar interessado nisso?" "Podem as bombas "HOH" estarem interessadas em bombas de sucção?" " Então, vamos ver como vamos fazer isso?" "Como é que a FURB através do IPT pode ajudar nisso?" Foi assim que aconteceu... Mas, não foi sem traumas, não!

B.S.R.: - O senhor trabalhou um tempo no IPS, professor?

R.W.: - Fui o fundador do IPS. Agora ele surgiu de uma coisa um pouco diferente. E essa história deve ser continuada porque, eu acho que, ela está interrompida e meio que abandonada. Eu numa certa ocasião, fui participar em São Paulo, num curso sobre aproveitamento de recursos para criação de atividades desse setor industrial, que eram, aqueles que obtinham isenção do imposto de renda, inclusive, então, o IPS, ele surgiu e, como se chamava (silêncio) ... nós criamos uma, criamos, bem entendido, não só eu, mas o grupo, criamos uma entidade que carrega recursos para a FURB no sentido de desenvolver esses tipos de pesquisas sociais, ou voltadas para a sociedade. A Associação dos Amigos da FURB, se chamava isso, mas essa Associação dos Amigos da FURB, atualmente, está "paradona!" Eu acho que, ali há condições de se prestar bastante serviço. O senhor não se incomoda porque eu vou, eu vou de vez em quando dar um "toquezinho" no Sálvio, no Mércio, porque algumas chatices desse tipo eu me permito.

B.S.R.: - (RISOS) Porque o instituto não pode morrer professor, ele está numa situação assim, porque eu sei, quando penso em pesquisa na área de Ciências Sociais, penso, não é que ela não traga retorno, ela traz sim, só que ela não é vista como um produto que se possa pegar imediatamente, enfim.

R.W.: - É um problema que se demanda um certo tempo ...

B.S.R.: - Exatamente, porque eu sei que nessa Associação dos Amigos da FURB, sei que alguns empresários faziam parte, sei que professores...

R.W.: - Tivemos o concurso do Sr. Ingo Hering até ele falecer, do diretor-gerente da TEKA também até falecer, do SR. "Stribel", pai da Norma e outros empresários, que gastaram algumas de suas tardes e manhãs fazendo reuniões com gente lá da FURB para dispor melhor sobre isso. Eu acho que esse é o recurso permanente que está ali e só precisa ser buscado. Nós tivemos que dar muito chá de cadeira para isso. Nós éramos uma comissão de três: o Professor Glauco, o Professor Rápido e eu que, íamos fazer visitas aos empresários, marcávamos horários, esperávamos até que terminasse a reunião do Conselho de Administração, em geral, e depois então nós íamos conversar com eles, tivemos muitos sins e muitos não, mas, valeu a pena. A Universidade teria tido muita dificuldade em ser reconhecida não fosse a Associação dos Amigos da FURB. Patrocinava muitas bolsas de estudo para professores da FURB até no exterior. O Vilmar é um desses.

B.S.R.: - É, e quem me falou muito foi a Professora Deodete Packer. Deodete me contou: "Olha, é..." Ela me contou uma parte disso, como foi a relação dela, a importância que isso tinha no desenvolvimento dos professores, não sou só eu, não é só porque eu me beneficiei disso. Porque alguns professores vieram exatamente para a Universidade sob uma perspectiva...?

R.W.: - Sim, trazidos por causa da Associação dos Amigos da FURB. Então, isso faz falta. Uma outra coisa que faz falta e que seria, essa eu acho que precisaria ser transmitida ao professor Mércio amanhã, não pode nem esperar para depois de amanhã. Aquele plano de ajuda aos alunos carentes com bolsas rotativas, que está em vigor na PUC do Paraná, eles têm recursos orçamentários especialmente para este fim. Bolsas rotativas. O aluno usa a bolsa por um certo tempo, depois repõe os recursos no todo ou em parte, e assim vão se criando novas bolsas para

estimular outros alunos a usarem. Esse movimento é um movimento contínuo. Isso leva o nosso reitor lá da Universidade Católica do Paraná que é um antigo chefe do gabinete do Ministério da Educação, o Professor Euro Brandão, ele gosta disso, se entusiasma com isso.

B.S.R. - Permite que ao tempo a Universidade financie outras bolsas e que as pessoas se autofinanciem também. Quase como um crédito educativo, só que da própria Universidade, sem depender das bolsas do governo ?

R.W. - Ah, não! Se depender só do crédito educativo, a coisa é muito devagar. Outras atividades... todas as atividades prestadas pela Associação dos Amigos da FURB, tinham isenção do imposto de renda. Todas, absolutamente todas! Inclusive um dos alunos da 1ª turma, o Norton Siqueira, ele foi durante a época da implantação da Associação, ele era o Diretor Regional do Imposto de Renda para esta região. Então, conseguiu-se o parecer dele sobre essa possibilidade de isenção. Foi uma coisa fácil, porque podia. E se podia, porque não fazer? Então, conseguir recursos pode parecer uma coisa difícil. Ela não é fácil, porque os recursos não estão nascendo em árvore. Mas, não é tão difícil assim como se pode imaginar, às vezes.

B.S.R. - Pois é, porque eu, às vezes, fico pensando, que no processo de passagem da Fundação para a Universidade, nós (eu vou usar uma palavra que não é bem essa), nós perdemos uma característica, que era a da criatividade mesmo.

R.W.: - Perdemos naquela ocasião e perdemos mais hoje, dois anos depois. Quando a FURB , com a Constituição de 88, de repente começou a ser uma entidade de direito público.

B.S.R.: - Porque eu acredito que naquele período em que a Universidade foi fundada, enfim, juntar esses recursos era muito mais difícil. Como o senhor mesmo contou, vender uma rifa de algo que nem se sabia se ia se ter. Quer dizer, nem sabia se aquilo que se estava vendendo existia. Existiria, que não existia!?

R.W.: - Não, porque o senhor não conhece uma outra Faculdade, Universidade que foi criada com o auxílio de uma rifa. Isso não existe!

B.S.R.: - Com cotas para empresas, para empregados?

R.W.: - Com cotas para empregados, para dirigentes de empresas. Isso só existe aqui! Mas, esse tipo de coisa requer primeiro uma grande credibilidade. Porque ninguém também vai dar os recursos e essa credibilidade e aí vem outra vez o conservadorismo numa região como a nossa, ela só se dá depois que as pessoas vêem as construções. Só depois!

B.S.R.: - Por que o senhor acha que as pessoas demoram tanto, só acreditam vendo?

R.W.: - Isso já não está na Bíblia? São Tomé não foi assim?

B.S.R.: - Ver para crer? Mas, as pessoas da nossa região que, fundamentação cultural elas teriam para agir dessa forma? Por que não eram pessoas desnutridas, certamente, de uma certa informação, até intelectual assim, porque o ato de ler havia, o teatro havia, os clubes de dança, todas essas coisas são importantes no desenvolvimento intelectual das pessoas?

R.W.: - Agora, uma das características mais antigas da nossa região, não só de Blumenau, mas de toda região, é o amor ao trabalho. Isso faz com que pelo trabalho é que se adquire a credibilidade. Veja outra coisa, isso são hipóteses. Outras coisas que podem levar a isso é a diferença de religião, por exemplo. Em Blumenau, aqui nessa região, os evangélicos (os não-católicos), eles sempre foram muito mais bem abonados na fortuna do que os católicos que, eram mais pobres. Mas de onde surgiu isso? Do trabalho. É a mentalidade do trabalho. Existe nesse aspecto (comentei isso uma vez com o Mércio que, aceitou isso tranquilamente), existe uma ética protestante nisso; no trabalho. Acho que o trabalho é que é abençoado sabe! E isso se transmite. Exemplo: Eu tive um primo (ele é falecido, hoje), ele tinha, porque meu pai, principalmente, o ajudou a ter algumas ações na Cònsul, da Tupy lá de Joinville. Ele achava que os filhotes (que ele não deveria subscrever elevação de capital dessas sociedades), porque aquilo não foi

conseguido pelo trabalho dele. E esse era católico. Pela mentalidade dele era essa. Quer dizer, para ele assim o mundo dos negócios, esse efeito dominó dessas bolsas do Japão, de Taiwan e etc, para ele isso não faria o menor sentido. Então, é um tipo de acumulação de riquezas que provém de outro tipo de idéia, ou digamos assim, a acumulação de capital entre muitos evangélicos é considerada um prêmio divino. Exatamente, porque a pessoa está se ... é assim que a pessoa adquire uma ... o esforço dele, ele, está sendo recompensado dessa forma. Essa é uma interpretação que eu dou, pode haver outras, pode ser até que eu me engane! Mas, sem dúvida, essa será uma delas. Mas, veja professor, se o responsável, hoje, pela nossa FURB que, tem sobre si carrear recursos para a instituição, se ele começar a estudar com afinco todos os modos pelos quais esses recursos podem ser carreados para a FURB, sem ônus para a FURB, ele vai ter feito uma grande coisa! E veja que, eu não estou falando *economês*, não estou falando nada disso.

B.S.R.: - Porque dá sustentação a outros projetos da Universidade. É um olhar para o futuro, eu compreendo o que o senhor está dizendo. É uma discussão que eu sei que, o Professor Egon e o Professor Mércio tem trazido constantemente à gente e ...?

R.W.: - E agora que exigem, olha isso, exige trabalho, muita reflexão e acho que o tempo que eles nem sempre tem. Porque, às vezes, é melhor não ter um reitor caixeiro viajante, tê-lo lá dentro de quatro paredes para pensar.

B.S.R.: - Mas, já tem os pró-reitores...?

R.W.: - Olha essa instituição Pró-Reitores, ela é relativamente recente, antigamente não tinha.

B.S.R.: - Porque Professor, temos os pró-reitores, os chefes de divisão essas pessoas tinham que estar pensando em seus espaços.

R.W.: - Pois é mas, não sei se estão pensando assim ou se estão pensando baseados em alguma experiência que eles tem vivido. E olha, quem não viveu a experiência não chega lá, ou chega

muito mais dificilmente. Essa é a diferença. É o que eu posso fazer agora, colocar a minha experiência acumulada a disposição. Faço todo dia gostosamente. Nem espero que façam tudo o que eu diga, mas, que de vez em quando saia uma coisa que de repente é... adquirir aquele local da Maju quando faliu e colocar lá algum curso ou algum estacionamento, coisas assim não são difíceis de pensar. Estão ali na frente. O próprio funcionamento hoje em dia do pensamento comunitário eu acho que ajudaria muito porque cada um traz a sua experiência pessoal e esse somatório de experiências pessoais se às vezes não um resultado mostruosamente grande, mas muda um pouco a mentalidade das pessoas. Olha gente, eu acho que dentro desse projeto nós vamos ter inúmeras ocasiões que... falar dessas coisas. Coisas que faço gostosamente, por que afinal de contas o que eu ainda posso fazer pela FURB? É isso.

B.R.S.: Não. Tem bastante coisa.

R.W.: Ainda posso fazer.

B.R.S.: Muita coisa.

R.W.: Sim, sim.

B.S.R.: Pode fazer um monte de coisa. Acho que o Sr. deveria estar sentado lá do lado do Prof. Mércio...

R.W.: Se ele estiver lá para me ouvir ... (RISOS). Não quer dizer que ele seja o caixeiro viajante. Se ele não fizer isso, ele não obtém recursos.

B.R.S.: É que algumas pessoas defendem essa perspectiva que o reitor deve viajar, visitar outras universidades, levar o nome da universidade.

R.W.: Também tá certo.

B.R.S.: Mas não só isso.

R.W.: Mas não, eu acho que ... olha, se eu hoje fosse Reitor eu tiraria, por exemplo, um dia assim meio morto que é a sexta-feira durante o dia para pensar nessas coisas. Formaria meu grupo de

trabalho, olha vamos ter um “brainstorms” nós agora. Garanto que seriam muito realizadores ... e trabalhar. Não é isso que faz a professora Sandra Cavalcante no Rio de Janeiro até hoje? Ela só faz isso. Ela tem uma salinha e uma auxiliar, e só. Só pensa. Nem tudo o que ela pensa é aproveitável, naturalmente. Mas tem algumas coisas que se tornam viáveis, porque ela pensou e soube pensar. Além de ser uma pessoa que sempre trabalhou com ensino universitário. Conhece-a?

B.S.R.: Sim. É uma pessoa que tem uma vida pública imensa.

R.W.: Mas, eu sei que a FURB deve ter uma porção de pessoas engajadas nessas atividades. Certamente o Carlos Schramm é um . Se o Sr. conseguir lá algumas horas por mês, que seja, do Hans Prayon, do diretor atual da ACIB- Associação Comercial, acho que será uma outra coisa boníssima, por que ele como é Cônsul Honorário da Alemanha aqui em Blumenau, ele tornará fatíveis de imediato certas coisas ligadas com a Alemanha. E ele tem coisas para dizer. Eu vejo pela televisão. Professor, eu vejo televisão todo dia.

B.S.R.: Eu trabalhei com ele. O Sr. Hans Prayon poderia facilitar isso, inúmeros convênios com universidades alemãs.

R.W.: Pois é. Fundos de pesquisa, levar alunos em sistema de convênio, como ele tem levado ao longo dos anos.

B.S.R.: Pois é. Mas a universidade até então, tem sempre estabelecido convênios com universidades americanas, portuguesas, espanholas e não com as universidades que seriam até características para ela, como as alemãs, até como característica comum. Não que seja igual de um lugar...

B.S.R.: Não existe um lugar igual ao outro, não é possível. Mas há cultura semelhantes, elas têm muitas semelhanças.

R.W.: Justamente. É, e a nossa cultura ancestral é germânica.

B.S.R.: Isso é uma coisa que me chama muito a atenção também.

R.W.: Quer dizer, eu acho que essas pessoas a gente não pode jogar fora...

B.S.R.: Até porque são lideranças comunitárias.

R.W.: Sim

B.S.R.: Tem gosto pelas coisas da cidade, enfim...

R.W.: Ele (Hans Prayon) mora aqui.

B.R.S.: Sim é daqui, nasceu aqui.

R.W.: Aqui nasceu. Construiu aqui, tem casa com piscina, tem família aqui. Quer dizer, não é uma pessoa que de repente vá mudar para "São José dos Bruzunduns". Agora, a FURB no momento me agrada, realmente me agrada. É uma movimentação muito intensa. Ela está indo certo. Se uma coisa que eu acho que tem de conseguir é um maior aporte de recursos orçamentários. Isso tem que ser conseguido e pode ser conseguido. Não é tão difícil assim. Uma outra situação que nós tivemos aqui, o ... a Alemanha como perdedora da 2ª guerra, no seu orçamento ela teve que dedicar 2% à entidades religiosas. Um por cento (1%) para católicos e um por cento (1%) para evangélicos. Então, esses recursos orçamentários, que o orçamento da Alemanha não é qualquer um, da Alemanha proporcionaram muitos recursos nesses países em desenvolvimento. Os católicos em menor número porque eles vinham muito "pingados", muito inibidos, são os "bancáritas". Mas os evangélicos, aqueles da "miséria" são recursos ponderáveis, são grandes recursos.

R.W.: - Eu acho que os alemães, eles já chegam finalmente a aceitar a idéia de que é muito melhor desenvolver uma região ligada à Alemanha por tradições culturais como é o sul do Brasil,... (incompreensível). Santa Catarina, jogar esse recurso para o Nordeste como se fazia até então, e onde esses recursos eram perdidos. Então, recursos do "Miséria de repente iam cair nas mãos dos usineiros, em vez de cair nas mãos de um diretor da FURB que, queria construir um

hospital com isso, um hospital que nós precisamos aqui. Nós não temos um Hospital Regional, nós temos o Santa Isabel que é grande, mas, eu acho que a última grande contribuição que recebeu o Santa Isabel foi nos tempos de Delfim Neto, em 1973, isso está longe, isso faz 24 anos. E permitiu a construção desses blocos, agora, ali. O próprio Hospital Santa Isabel tem muito lugar para aumentar. As Irmãs da Divina Providência tem muito lugar para crescer naquele local. Se houvessem recursos providos de instituições que fizessem sessões desses recursos por pouco mais que nada. Eu acho que nós teríamos condições de ter um Hospital Regional para mais ou menos já.

B.S.R.: - A questão é conseguir alternativas de financiamento. Esta é a grande questão?

R.W.: - Porque sempre vão haver os alunos inadimplentes, vão haver sempre.

B.S.R.: - Isso em qualquer lugar (RISOS), na Universidade de Blumenau,...

R.W.: - Não, isso não é só aqui, de um modo geral, no mundo todo. E agora se nós, por exemplo, dermos para esses alunos inadimplentes, condições de bolsas rotativas, eu penso, puxa eles não precisariam ser inadimplentes, aí eu volto a questão dessas bolsas rotativas. Veja por exemplo, uma PUC de Curitiba com 1,5 milhões de reais em 1997 para bolsas rotativas, isso ajuda bastante...

B.S.R.: - Ah! Com certeza.

R.W.: - É dinheiro que volta, ele sai por três semestres e volta depois, algum um ou outro se perde pelo caminho, mas a maioria volta. E os próprios alunos cobram isso.

B.S.R.: - O interesse não é deles...

R.W.: - Lógico, porque não fazer um DCE por exemplo, participar disso, enfim, bom isso só com a ... eu não quero ser o dono da verdade, nada disso, algumas idéias a gente poderia trocar.

B.S.R.: - Claro que sim. Como é que eram as relações professor, assim no interior da Universidade?

R.W.: - Críticas...

B.S.R.: - (RISOS) É mesmo?

R.W.: - Sim, críticas, eu já lhe contei essa história de um vice-reitor Administrativo e outro vice-reitor de Ensino, onde o vice-reitor Administrativo dificilmente soltaria os recursos para o vice-reitor de Ensino, se não estivesse de acordo com a aplicação desses recursos. Criava-se uma briga entre os professores. Duas pessoas muito queridas, mas a disputa pelo poder é mais forte.

B.S.R.: - Nem as próprias pessoas percebem que estão disputando o poder?

R.W.: - Exatamente, estão disputando o poder e nem sentem isso.

B.S.R.: - Faz parte de um imaginário, do inconsciente.

R.W.: - Isso faz parte de um imaginário, do inconsciente coletivo.

B.S.R.: - É até porque num ambiente onde trabalham muitas pessoas fica, dificilmente, em mesmo manter uma relação muito boa, enfim, uma Universidade onde as pessoas vão pensar. Pelo menos se espera que pensem na Universidade. E aí vão pensar diferente das outras, por isso a Universidade...?

R.W.: - Porque se não for para ter pensamento próprio, nem em nível de Universitário, então de onde vem esse pensamento próprio?

B.S.R.: - Onde vai ter?

R.W.: - Pois é.

B.S.R.: - Ih! Como ficou essa questão da UDN, PSD no âmbito da Universidade?

R.W.: - Bom, ficou assim: O Dr. Hercílio Deeke, prefeito da UDN, criou a Faculdade de Ciências Econômicas em 1964. Mas, na eleição seguinte, o governo passou para as mãos do PSD, como o Carlos Curt Zadrozny. Então, o Hercílio Deeke fez a parte dele e o Carlos Curt Zadrozny fez a parte dele ... e o Dr. Martinho que era chefe político, se dava bem com um e com outro, tinha

trânsito livre. Coisa muito boa. E nós tivemos uma Faculdade de Ciências Econômicas que no primeiro ano de sua vida era gratuita.

B.S.R.: - Quem bancava? O município?

R.W.: - O município, mas em 1966, quando foi eleito o Prefeito Carlos Curt Zadrozny, ele viu que o município não teria condições de suportar isso. Então, ela passou a ser paga. Mas, ele mesmo patrocinou a ida a São Paulo de cinco ou seis professores para se especializarem em alguma disciplina que estavam sendo oferecidas para os cursos que iam ser implantados, por exemplo, nós tivemos na Faculdade de Filosofia um professor da área de Farmácia Bioquímica que, depois foi aproveitado como Professor de Bioquímica Especializada. Isso foi no tempo do Carlos Curt Zadrozny do PDS. Sei muito bem desse detalhe por uma coisa, eu fui durante esse governo do PSD, fui nomeado como um dos componentes da Comissão de Planejamento. A parte educacional, ela estava mais ou menos para ser planejada pela minha pessoa, realmente nós assim o fizemos. Começamos a estabelecer onde colocar as escolas a quem estas escolas deveriam atender. Quais os tipos de escolas? Porque nós tínhamos aqui em Blumenau, ainda nessa época. Professores e Mestres únicos em sala. Lá pelo interior de Pomerode...

B.S.R.: - Todas as disciplinas, todos os alunos na mesma sala...?

R.W.: - É todos os alunos na mesma sala, um professor só dando aulas de 1º à 4º série.

B.S.R.: - Tinha um quadro...

R.W.: - Então, tudo isso teve que ser levado em conta. Se instalou um processo de melhoria de implantação de escolas, certos parâmetros foram indicados. E o que eu achei mais espetacular disso tudo, foi que ele que era do PSD (Prefeito de uma Legislatura). Ele pouco daquilo pode colocar em prática, porque o tempo não permitia. Eu fiquei lá de 66 a 67, 68, 69, foram quatro anos. Então, o "Lazinho" que foi o prefeito seguinte, Evilásio Vieira, ele teve o consenso de aproveitar tudo aquilo que havia sido planejado para ele colocar em funcionamento...

B.S.R.: - Dar continuidade...?

R.W.: - Dar continuidade...

B.S.R.: - Que é uma raridade?

R.W.: - É, que é uma raridade! Isso é uma coisa raríssima!

B.S.R.: - Geralmente, um faz e o outro desfaz?

R.W.: - É, todo mundo quer coisa nova, dele.

B.S.R.: - ... imagem do outro ...?

R.W.: - É sobrepujar a imagem do outro. Mas nesse aspecto ele foi muito sensato, eu acho, e ele também, esse prefeito, ele teve que resolver aquelas grandes dificuldades, a exoneração do Dr. Martinho e do Milton ao mesmo tempo e o Dr. Rufino que não queria ser exonerado de modo nenhum. Ele exonerou na marra, por decreto.

B.S.R.: - Exonerou todos?

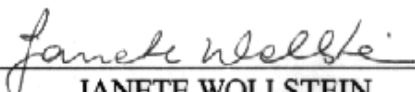
R.W.: - Não, dois se exoneraram e o terceiro que não queria, também foi exonerado. Isso claro que, isso deu trabalho, deu discussão, deu problemas, principalmente de ordem financeira, credibilidade que tiveram que ser reconquistadas calmamente, depois pelo reconhecimento das Faculdades que não estavam reconhecidas pelo poder público. Então, o que nós tínhamos para apresentar ao povo? Faculdades reconhecidas. Vejam, para crer! E outra vez o problema está acontecendo... vocês não tiveram nenhuma Faculdade reconhecida nesta época. Pois é, passaram a ter três, em 2 anos, e depois imediatamente criaram-se as outras Faculdades, porque a credibilidade havia sido reconquistada. Essa história precisa ser confrontada com a história do Professor Pompeu. Ele deve ter outra interpretação.

TERMO DE DOAÇÃO

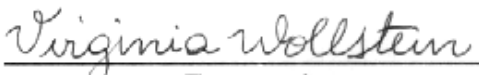
Pelo presente documento, eu RIVADAVIA WOLLSTEIN, cedo ao CEMU- Centro de Memória Universitária, da Universidade Regional de Blumenau, todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem, do conteúdo de gravação em fita de vídeo, em fita magnética e transcrição literal, em documentos anexos e por mim rubricados, concedida aos integrantes do "Projeto Universidade Regional de Blumenau e sua História", Professor Balbino Simor Rocha, Clarice Ehmke, Richard Huewes e Viegas Fernandes da Costa, em data de nove de dezembro de um novecientos e noventa e sete, 09/12/97, na cidade de Blumenau, composto de fita de vídeo, fita cassete e transcrição literal.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações pode ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data.

Blumenau, 7 de maio de 2001.



JANETE WOLLSTEIN
P/ RIVADAVIA WOLLSTEIN
Entrevistado e doador (In Memoriam)



Testemunha